Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 488

11 DE JULHO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

A SOLEMNIDADE DA ROSA DE OURO

SUA MAGESTADE A RAINHA SENHORA D. MARIA AMELIA
(Segundo uma photographia de A. Bobone)

CHRONICA OCCIDENTAL

A Rosa d'ouro foi o acontecimento culminante da semana e assim devia ser, já pela augusta pessoa a quem foi offerecida, já pela illustre pessoa que a offereceu, já pela alta significação que tem este brinde cuja instituição remonta a 14 seculos, e que symbolisa pelo ouro o Todo Poderoso, pelo explendor a aureola da Divindada, pelo perfume a gloria do Senhor.

A Rosa d'Ou o, que durante seculos foi só uma rosa, passou no tempo de Xisto IV a ser um ramo com varias flôres, tendo no topo a celébre rosa que encerra n'um pequeno deposito algumas gotas de essencia d'essa flôr, e se apesar de ser d'ouro essa rosa é muito menos formosa do que as rosas muito mais baratas com que a natureza nos brinda em maio, é muito mais rara do que ellas, porque só lá de vez emquando apparece no mundo.

Em Portugal tinha ella apparecido até agora cinco vezes — a 1.ª em 1506 offerecida a D. Manuel pelo papa Julio II, a segunda em 1514 offerecida ao mesmo rei pelo papa Leão X, a terceira em 1550, offerecida ao primogenito de D. João III, pelo papa Julio III, a quarta em 1770 offerecida ao rei D. José, pelo papa Clemente XIV, a quinta em 1842, offerecida á rainha D. Maria II pelo papa Gregorio XVI.

Havia portanto cincoenta annos justos que a Rosa d'Ouro não visitava Lisboa e por isso foi uma verdadeira novidade para quasi toda a gente o brinde pontificio, e as cerimonias com que elle tem de ser recebido.

O OCCIDENTE hoje occupa-se largamente em artigo especial e nas suas gravuras da Rosa d'Ouro, da sua historia, da sua origem, da sua significação e por isso nós aqui nos limitaremos apenas a contar rapidamente a cerimonia da entrega, a S. M. a Rainha D. Amelia, da Rosa com que Sua Santidade quiz tão justamente galardoar as altas qualidades de coração e as excelsas virtudes da augusta soberana.

A Rosa foi trazida de Roma por um enviado especial do Papa, o sr. marquez Julio de Sacchetti, alto dignatario da côrte pontificia, filho e coadjutor com successão futura do marquez Urbano, *foriere maggiore* de Sua Santidade.

Ao principio disse-se que o ablegado do Papa seria o bispo de Meliapor, mas motivos d'ordem superior, a que não foi estranha a missão de que o governo portuguez d'accordo com a Santa Sé, encarregou este prelado de ultimar os negocios relativos á execução da concordata, fizeram com que em vez do bispo de Meliapor fosse o marquez de Sacchetti o encarregado de trazer a Lisboa o brinde do Papa a S. M. a Rainha.

O enviado de Leão XIII é um homem novo ainda, physionomia intelligente e sympathica, barba castanha toda crescida, mas cuidadosamente talhada.

Pertencente á alta nobresa italiana, a familia Sacchetti, de que o marquez Julio é o futuro chefe, familia originaria de Florença é aliada com os principes de Borghese e com os principes Orsini, e um dos seus irmãos desposou ha pouco a herdeira dos principes Barberini.

O marquez de Sacchetti trouxe a Rosa d'Ouro n'uma caixa de madeira branca com duas inscripções uma em francez, *Fragile* — outra em italiano — *Si posa di piano*, e o seu primeiro cuidado apenas se apeiou do *Sud Express* foi leval-a para a nunciatura, onde Sua Excellencia se alojou durante os 9 dias que esteve em Lisboa.

Foi só depois da chegada do ablegado do Papa que se fixou o dia da cerimonia da entrega, que foi o dia 4 do corrente, dia que para todos os effeitos se considerou de grande gala.

A cerimonia realisou-se na capella do Paço das Necessidades ao meio dia.

A capella é elegante, estava ricamente ornamentada, mas é muito pequena e d'ahi a cerimonia não poder ter senão um limitadissimo numero de espectadores.

N'um dos altares da capella, que se conservou por 8 dias exposta ao publico, via-se a Rosa d'Ouro que fôra offerecida á rainha D. Maria II.

A's 10 horas da manhã sahiu o cortejo do palacio da Nunciatura, na rua do Quelhas, cortejo composto de tres coches da casa real, precedidos e seguidos por dois esquadrões de lanceiros.

No 1.º coche ia o Cardeal Iacobini, nuncio de Sua Santidade, e o marquez de Sacchette levando a Rosa d'Ouro na mão, a descoberto; nos outros dois os empregados superiores da nunciatura.

Ao meio dia deram entrada na capella mór, El-Rei D. Carlos, a Rainha D. Amelia, elegantissima com um rico vestido de setim côr de rosa, longo manto bordado com espigas de prata e mantilha de renda branca, a tiracolo a banda de Santa Izabel, a Rainha D. Maria Pia, o infante D Affonso, precedido pela côrte, e seguidos pelas damas de honor e pelos ajudantes d'ordens.

Depois de feitas as orações, monsenhor Iacobini, pedindo venia a El-Rei, começou a celebrar a missa acolytado pelos capellães da casa real.

Ao findar a missa e antes da benção o celebrante sentou-se no faldastario, collocado ao meio do sepedoneo, coberto com a mitra e virado para os assistentes. O capellão mór leu o breve apostolico pelo qual Sua Santidade conferia a Rosa d'Ouro á Rainha de Portugal. Terminada a leitura S. M. a Rainha desceu do throno, ajoelhou diante de monsenhor de Iacobini, que depois das palavras do estylo, lhe entregou a Rosa.

A rainha tocou a rosa com a mão direita e retomou o seu logar no throno depois de ter beijado o annel do cardeal nuncio.

Collocada pelo veador de serviço a rosa sobre uma credencia, repicou o sino da capella, as bandas de musica collocadas no largo tocaram o hymno real e Monsenhor Iacobini concluiu a missa.

Logo em seguida Suas Magestades passaram ás salas do palacio onde deram recepção e finda ella serviu-se um lauto almoço.

A' noite houve illuminações em todos os edificios publicos e na vespera tinha havido no theatro de S. Carlos um brilhante concerto em honra de S. M. a Rainha promovido pela Real Academia de Amadores de Musica.

N'esse concerto, que foi realmente dos melhores a que temos assistido, destinguiram se os srs. marquez de Fronteira e Rey Collaço n'um *scherzo* de Saint-Saens tocado em dois pianos, a sr.ª Vandrelli, a estrella da companhia lyrica do Colyseu de Santo Antão, a sr.ª D. Rachel Loizello n'um solo d'harpa e o sr. João Affonso e D. José d'Almeida.

As rapsodias do sr. Hussla agradaram muito como sempre. O theatro cheio e todas as senhoras e homens vestindo *toilette* de gala o que dava á sala um bello aspecto festivo.

A tribuna real aberta, cheia de plantas e arbustos e illuminada a luz electrica fazia escellente effeito.

*
* *

Novidades theatraes não ha nenhumas, ou antes ha mas não as temos nós por que devem se estar dando precisamente na occasião em que estamos escrevendo esta chronica — posto que do mesmo modo que acontece no inverno, as emprezas em vez de se combinarem para as suas novidades não prejudicarem nem serem prejudicadas pelas dos outros theatros, parece que se combinam de proposito para darem as suas *premières* ao mesmo tempo.

Por exemplo, hoje 9, dia em que escrevemos, ha no Real Colyseu a estreia de uma companhia hespanhola de creanças, com a zarzuela *El Rei que Rabió*, no Colyseu dos Recreios, a primeira representação da *Aida*, e no theatro da Avenida, inauguração da companhia de verão, uma sociedade de artistas de varios theatros, com a primeira representação d'uma magica do sr Baptista Machado, musica do sr. Dias e Costa *O Cavalleiro da Rocha Vermelha*.

Se algum d'estes espectaculos der muito que fallar de si referir-nos-hemos a elle na occasião de vermos as provas d'esta chronica.

*
* *

E a proposito de theatros uma noticia curiosa e incomprehensivel, que acabamos de lêr em alguns jornaes. Dizem elles que ha dois concorrentes á empreza de S. Carlos, e que são a *Associação Musical 24 de Julho* e o sr. Guilherme Cardoso empresario do Colyseu dos Recreios.

Até aqui muito bem, mas os jornaes accrescentam que uma agencia de Milão escripturou já a companhia lyrica que hade funccionar em S. Carlos para o inverno.

Mas escripturou-a como?

Por conta de quem?

Se o theatro ainda não foi posto novamente a concurso, se ainda se não sabe quantos mais concorrentes haverá, se ainda se não sabe a quem elle será adjudicado e em que condicções, como pode estar já escripturada a companhia?

Mysterios do noticiario, que nos confessamos impotentes para desvendar!

*
* *

Temos que fechar hoje a nossa chronica com uma triste nova — a da morte do conselheiro Antonio Maria Barbosa, o illustre operador que foi uma das mais brilhantes glorias cirurgicas do nosso paiz.

Quando nós entrámos no mundo estava o dr. Barbosa no começo da sua justissima celebridade, e tivemos a honra de o ter por amigo e a felicidade de o ter por medico algumas vezes, e dizemos felicidade, porque o dr. Barbosa era um d'esses medicos que fazem felizes os doentes, enxotando tristezas e desfazendo preoccupações com a sua alegria cheia de bonhomia e de confiança, confiança que incutia ao doente, e que logo minorava a enfermidade levantando lhe o espirito, desanuviando-lhe o moral.

O dr. Barbosa era um homem alto, forte, robustissimo, cara insunante, beiços grossos, barba toda, loura, cuidadosamente tratada sempre.

Quando elle entrava em casa d'um doente entrava com elle pelo menos o bom humor, quando não era a saude e a salvação.

E esse bom humor, esse dom da sympathia que o dr. Barbosa possuia em alto grau auxiliavam-n'o muito no seu doloroso mister de cirurgião, tinham a habilidade de resolver os doentes a submetterem se de bom agrado ás operações mais dolorosas e ás quaes se não tinham prestado com outros cirurgiões.

Operador destinctissimo, o mais notavel que em Portugal houve no seu tempo, dotado d'uma grande pericia manual e ao mesmo tempo de profunda e solida sciencia, o dr. Barbosa fez operações maravilhosas, salvou muita gente da morte.

Foi o primeiro que em Portugal fez a operação da *talha* e foi pena que a antisepia, essa famosa descoberta que diminuiu de 90 por cento os perigos das operações cirurgicas, só apparecesse ha dois annos, já quando a doença, mais do que a idade, trazia o illustre medico affastado da clinica.

Grande pratico e excellente theorico, o dr. Barbosa occupou durante muitos annos o primeiro logar entre os operadores portuguezes: e pelo seu coração o primeiro logar entre os medicos caridosos e philantropicos da nossa terra.

O dr. Barbosa era medico da real camara e socio effectivo da Academia Real das Sciencias; era uma grande individualidade do nosso mundo scientifico, era uma das personalidades mais distinctas e mais sympathicas da sociedado portugueza.

A sua morte é profundamente sentida em todo o paiz onde a fama do dr. Barbosa tinha chegado, onde a sua maravilhosa arte de operador tinha feito milagres; e nós, sentindo immenso a perda do illustre medico e do estimado amigo, enviamos por ella os nossos mais sinceros pezames á sua desolada familia.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ROSA DE OURO

A rosa é sem duvida a mais formosa flôr, que tem inspirado os poetas de todas as idades. Teve fóros de devindade entre os pagãos e vê-se que o proprio christianismo não teve duvida, em lhe dar um logar no seu culto, transmudando as suas petalas setinosas e frescas, brancas ou vermelhas, de grato odor, onde o orvalho da manhã deposita as suas lagrimas de crystal, em petalas de ouro, esmaltadas e recamadas de brilhantes como gotas de orvalho natural.

Assim fez da rosa um symbolo religioso que consagra em seus altares, um symbolo de pureza destinado a premiar a virtude.

E' assim que no seculo V encontramos o santo Médard, bispo de Noyon, instituindo na sua diocese um premio annual para a mulher mais virtuosa, e esse premio era, alem de uma certa quantia de dinheiro, uma corôa de rosas deposta solemnemente sobre a fronte da premiada.

D'isto existia memoria, nos fins do seculo passado, em Salency, na capella de S. Médard, em um quadro representando este santo prelado coroando sua irmã com uma corôa de rosas, que foi a primeira dama que mereceu este premio, por indicação do povo de Salency.

No christianismo, porem, nenhuma outra mulher merecia primeiro a dedicação d'este symbolo

de pureza e virtude que a Virgem Maria, o centro de todas as graças, e fonte de todas as virtudes, o modelo de pureza e virgindade, e porisso a egreja em seus canticos lhe chama a *Rosa Mistica*, e consagra todo o mez de maio, o mez das rosas, em devotas orações á Virgem Mãe de Deus.

Sobre a criação da *Rosa de Ouro* transcreve o sr. Alberto Pimentel do *Tratado da significação das plantas* de frei Isidoro Barreira o seguinte:

«Aqui é bem que se saiba a razão, que houve para todos os annos benzer o Summo Pontifice uma rosa de oiro em a quarta dominga da quaresma, que chamamos da Rosa. Esta foi, que estando por muitos annos o reino de Bohemia afastado da união e gremio da egreja catholica por heresias e erros, que seguia contra a verdade da fé, havendo por este respeito entre os bohemios grandes inquietações e guerras com mortes de muitos, foi Deus servido que aquella gente se reduzisse, e tornasse ao conhecimento da verdade, de que resultou tão grande alegria em todo o reino, que andavam os bohemios pelas ruas como doudos de prazer. E foi tão grande o que em Roma se recebeu com esta nova, que não cessavam de dar graças a Deus pela mercê que fizera áquelle arruinado reino: e em mystica significação do espiritual gosto, que a egreja militante e triumphante recebera com a conversão d'esta gente, benzeu o Summo Pontifice uma rosa de ouro, que mandou de presente ao rei da Bohemia, dando-lhe a entender que n'aquella rosa lhe mandava o signal da graça em que elle e o seu reino de Bohemia ficava para com o ceu, e egreja, á qual se tinha reconciliado, e que assim como a rosa alegra e recreia com o seu cheiro e agradavel vista, assim elle e a cidade de Roma se alegrára com a boa nova que lhe viera de sua união ao corpo da egreja. D'ali por deante ficou em antigo costume benzer o Papa todos os annos em a quarta dominga da quaresma uma rosa de ouro, que sempre manda de presente ao rei de Bohemia.»

Não sabemos com que fundamento frei Isidoro Barreira conta este facto, entretanto mencionamol-o como uma das opiniões sobre a origem da *Rosa de Ouro* e como ponto de partida para esta breve noticia.

Não soffre duvida que a criação da *Rosa de Ouro* é pontificia e que ella constituiu, como ainda hoje, uma graça papal com que o mesmo papa agracia aquelles que por sua dedicação á Egreja e ao Papado, ou por virtudes reconhecidas, elle considera dignos de receberem esta graça.

Alguns historiadores dão á *Rosa de Ouro* origem posterior á que lhe marca frei Isidoro Barreira, e dizem que foi o papa Leão IX o que primeiro instituiu esta graça pelos annos de 1054 quando regressou a Roma depois de ter estado um anno em poder dos normandos que avassalaram a Italia.

Reforçando esta opinião encontramos em *La Vera Roma* o seguinte:

«Nos primeiros tempos a *Rosa de Ouro* constava de uma só flôr com sua aste de ouro esmaltado de rosa; depois introduziu-se o uso de a representar em um ramo espinhoso com folhas e mais rosas tudo de purissimo ouro. No meio da rosa principal havia um pequeno recepiente com tampa dentro do qual o Papa, na occasião de a benzer deitava um balsamo. A *Rosa de Ouro* é benta pelo Pontifice em ritho solemne e especial, na quarta Dominga de quaresma da *Lǽtare*, no introito da missa, allusivo á alegria do povo de Israele libertado da escravidão de Babilonia e restituido á sua cara patria Jerusalem. Como esta Dominga é a seguinte á metade da quaresma é, por assim dizer a mensageira da primavera. A *Rosa*, aparte a solemnidade com que é benta e o breve com que o Pontifice a acompanha, é um dom sagrado, de alta dignidade e respeitavel pelo grande mysterio que representa e objecto que symbolisa. Os personagens a quem o Papa destina a *Rosa de Ouro* recebem com ella indulgencia plenaria.»

. . . .

«Alguns derivam a origem da *Rosa de Ouro* de Gregorio I (590); porem não é muito acceitavel esta opinião e mais acceita em seu logar a que estabelece este uso ao Papa Leão IX (1030), o qual se impoz de em cada anno mandar ao mosteiro de Bamberga (Franconi) a *Rosa de Ouro* com que quiz previlegiar este mosteiro. O valor da *Rosa* varia segundo a munificencia do Pontifice e as circumstancias economicas do tempo. De ordinario, nos primeiros tempos empregaram-se 500 escudos. Alexandre VII (Chigi) deu uma *Rosa* de 1:200 escudos e outra de 805 Clemente IX mandou á rainha de França uma *Rosa* do valor de 1:600 escudos. Innocencio XI deu uma do valor de 4:400 escudos; pesava 8 libras e 6 onças de ouro e era engastada de preciosas saphyras.»

«Os papas tinham por costume de tempos remotos darem a *Rosa de Ouro* aos prefeitos de Roma. A memoria mais antiga que ha d'este donativo é de Urbano II (1096) a Fulcone, conde soberano d'Augers. Depois a historia nos conta a longa serie d'estes donativos. Eugenio III (1148) a Affonso VII de Castella, Alexandre III (1163) a Luiz VIII de França. O mesmo Alexandre (1177) ao doge veneziano Ziani e mais tarde a Guilherme rei da Escocia. Honorio III (1220) a Affonso IX rei de Leão. Gregorio IX (1227) ao valoroso Raymundo Orsini pelo seu proceder maravilhoso na cruzada de Palestina. Benedicto XI (1304) ao convento de S. Domingos de Perugia. Clemente VI (1348) a Luiz I de Hungria. Urbano V (1368) a Joanna I rainha de Napoles. E' impossivel seguir a longa serie, entretanto enumeremos ainda Eugenio IV (1442) que em Siena a deu a Domingos Orsini, conde de Tagliacozzo senhor de Piombino e general dos Senesis; depois a deu ao *Sancto anctorum* de Roma e em 1444 a enviou a Henrique IV de Inglaterra.»

«Paulo II (1471) honrou com *Rosa de Ouro* a Barso d'Este, vigario de Ferrara, de forma solemne no dia de Paschoa em S. Pedro; affluiram a Roma para assistirem a esta solemnidade 250:000 forasteiros. Alexandre VI (1493) deu-a a Isabel de Hespanha. Leão X (1517) a Henrique VIII de Inglaterra com o titulo de *Fidei defensor* e que depois se tornou acerrimo preseguidor da Egreja Catholica. Julio III (1555) a Maria, rainha de Inglaterra e successora de Henrique VIII [1] que réstabeleceu o culto catholico em Inglaterra, pelo que foi declarada pelo Papa *Fidei defensatrise*. Gregorio XIII (1534) a deu ao santuario da Casa do Loreto. Innocencio XI (1684) deu uma preciosissima a Maria Casimira, mulher de João III rei da Polonia, que se tornara distincto no assedio de Vienna. Gregorio XVI (1833) á patriarchal de S. Marcos de Veneza. Pio IX em 1849 deu a *Rosa de Ouro* em Gaeta, á rainha M. Thereza d'Austria, mulher de Fernando II na occasião de baptisar sua filha Maria da Graça Pia.»

Parece, pois, fóra de duvida que a solemnidade da *Rosa de Ouro* foi instituida pelo Papa Leão IX, embora já existisse sob uma fórma menos regular e solemne.

Vejamos agora quaes os reis de Portugal e outros personagens portuguezes que receberam a *Rosa de Ouro*.

Parece que a primeira *Rosa* que veio para Portugal, foi concedida a Lopes Fernandes Pacheco, depois da batalha do Salado, em 1340. O Papa Nicolau V, em 1454 encarregou o visconde do Porto de entregar a Affonso V a *Rosa de Ouro*; Julio II deu-a a el-rei D. Manuel e o Papa Leão X conferiu-a ao embaixador d'este rei na segunda oitava da Paschoa de 1514. Julio III brindou com a *Rosa de Ouro* a D. João III de Portugal, e em 1770 Clemente XIV deu-a a el-rei D. José, em S. Antonino de Roma por intermedio do cardeal Neri M. Corsini, Protector do reino de Portugal, em memoria da concordia estabelecida entre a côrte romana e portugueza.

Gregorio XVI em 1842 conferiu a *Rosa de Ouro* á rainha D. Maria II por occasião de ser padrinho do baptismo do principe da Beira D. João. Pio IX conferiu tambem a *Rosa de Ouro* á senhora D. Maria Pia, antes do seu casamento.

A *Rosa de Ouro* agora conferida por Sua Santidade Leão XIII á rainha D. Maria Amelia, é o testemnho de alto apreço em que o Summo Pontifice tem as virtudes d'esta augusta princeza, como esposa, como mãe e como desvelada protectora dos pobres.

A *Rosa de Ouro*, é uma joia de alto valor material e moral. Compõe-se de um ramo com astes, folhas e flôres tudo de fino ouro tendo a rosa principal um pequeno recepiente contendo balsamo almiscarado, conforme ficou dito.

Este ramo sae d'um elegante vaso de prata dourado custosamente cinselado, o que tudo se vê na gravura que acompanha este artigo.

Na base tem a seguinte inscripção:

Maria Ameliæ Lusitania Reginæ
Rosam Auream
Leo XIII Pontifex maximum
d. d. d.
anno MDCCCXCII

Acompanha a *Rosa de Ouro* o seguinte breve apostolico:

«Leo P P XII. Venerabilis Frater, salutem et Apostolicam benedictionem. Plurimae gravis que momenti causae suadent Nobis, ut carissimae in Christo filiae Nostrae Ameliae Portugalliae et Algarbiorum Reginae Fidelissimae, ex qua spectata accepimus benevolentiae atque observantiae argumenta, peculiare voluntatis Nostrae testimonium tribuamus, eoque ducti consilio Rosam auream, ex veteri Romanum Pontificum Praedecessorum Nostrorum instituto, Dominica quarta quadragesimae a Nobis benedictam, eidem Reginae mittendam decrevimus. Porro cum de idonea ac digna persona Nobis fuit cogitandum, quae ejusdem Rosae aureae munus praefatae Reginae solemni ritum tradeset, te, venerabilis Frater, ad honorificum omni modi officium eligere ac destinare censuimus, te igitur paterno affectu complectentes, hisu litteris Commissarium Apostolicum facimus et constituimus, ut postquam Sacrosantum Missæ Sacrificium celebreveris, velim infra Sacrificii ipsius actionem pros tatuta solemnis caeremoniæ ratio portulat, praefatam Rosam auream eidem carissimae in Christo Filiae Nostrrae Ameliae Portugalliae et Algarbiorum Reginae Fidelissimae Nostro nomine tradas. Ut vero hujus modo solemnis aureæ Rosæ tradito in animarum quoque salutem bene vestat, omnibus et singulis utriusque sexus Christi fidelibus, qui peccata me confessi, et sacra commissione reflecti, Sacrificio Missæ per Te, Venerabilis Frater, ut supra dictum est, celebrando, devote interfuerint, par Christianum Principum concordia, haeresum extirpatione, peccatorum conversione, ac Sanctae Matris Ecelesiae exaltatione pius ad Deum preces effuderint, Plenarium omnium peccatorum suorum indulgentiam ei remissionem misericorditer in Domino concedimus. Iu vero que corde saltem contrite Missae pracifatoe adstitesint, atque ut supra oraverint, septem annos ac totidem quadrajenas de iniuctis eis, sine alias quo inedolibet debetis, poenitentiis, in forma. Ecclesiae consueta relexamus: quas omnes et singulas indulgentias, peccatorum remisiones, ac poenitentiarum relaxationes, etiam unimabus Christi fidelium, quae Deo in charitate counctae ad hoc luce migraverint, per modum suffragii applicari posse indulgemnus. Nom obstantibus in contrario facientibus quibus cumque. Datem Romae apud sanctum Petrum sub annulo Piscatoris die XXVII Maii MDCCCXCII, Pontificatus Nostri Anno Decimo quinto. S. Cardi Vennutell.

*
* *

Foi portador da *Rosa de Ouro* o sr. marquez de Sacchetti, enviado extraordinario de Sua Santidade Leão XIII.

O sr. marquez D. Julio Sacchetti descende de uma das mais nobres familias romanas. E' filho primogenito do marquez D. Urbano e da marqueza D. Beatriz filha do principe Orsini, sobrinho por parte materna da princeza Barberini. O sr. marquez de Sacchetti é casado com D. Thereza filha da marqueza Gerini descendente do principe Borghese.

As qualidades superiores do illustre fidalgo juntas á nobre estirpe de que descende, justificam plenamente a escolha que o Summo Pontifice fez do sr. marquez de Sacchetti para seu enviado extraordinario e portador da *Rosa de Ouro* para a Rainha de Portugal.

O OCCIDENTE publicando o retrato do sr. marquez de Sacchetti, presta a sua homenagem de respeito ao nobre enviado de Leão XIII, e felicita-se por poder enriquecer a sua galeria de retratos de homens illustres com o do nobre estrangeiro que veiu a Portugal em missão tão importante.

*
* *

A entrega da *Rosa de Ouro* é sempre feita por um principe da Egreja, encarregado pelo Papa, de a depôr nas mãos do agraciado.

Para esta missão foi escolhido por Sua Santidade o Nuncio Apostolico em Lisboa, Monsenhor Domingos Maria Iacobini, arcebispo titular de Tyro de que o OCCIDENTE puçlicou a biographia a pag. 186 do XIV vol.

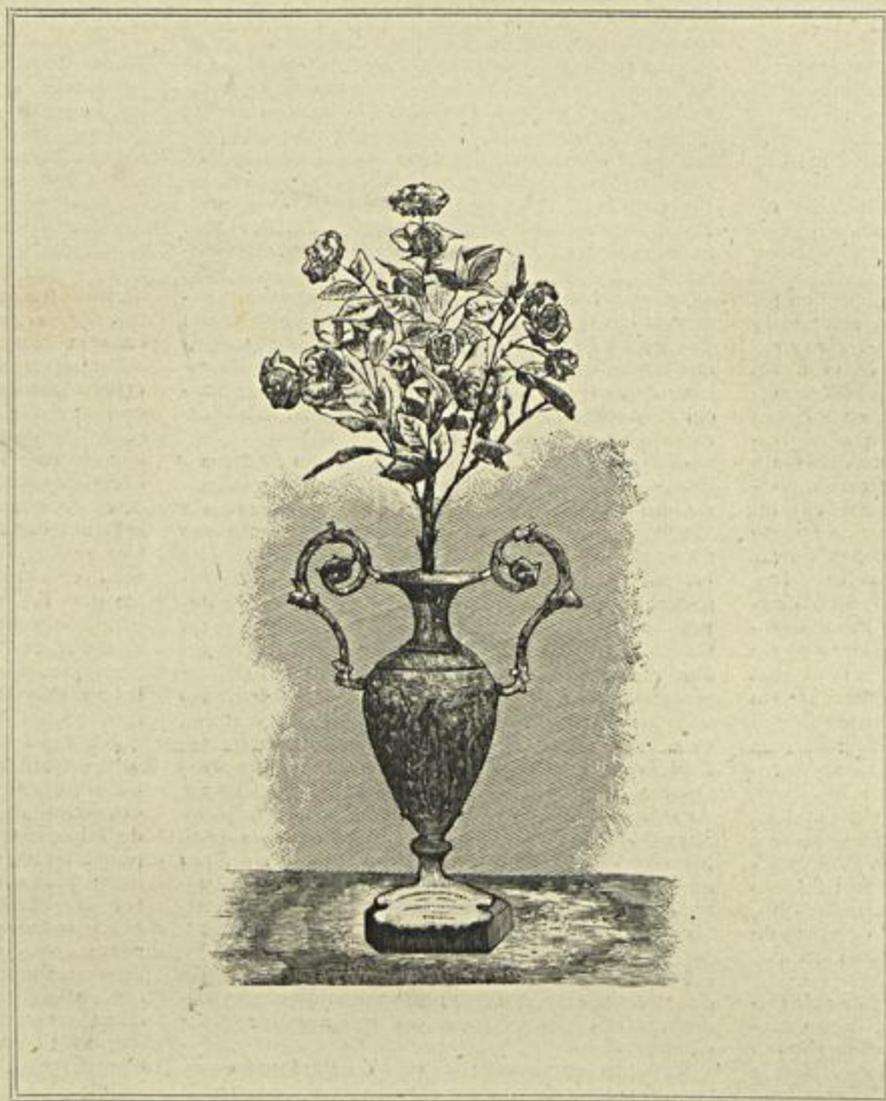
Não a reproduziremos agora, e publicando o seu retrato, temos em vista completar quanto possivel a chronica d'este acontecimento historico, illustrando-a com os retratos dos principaes personagens que n'elle tomaram parte tão importante.

Na Chronica Occidental d'este numero, encontrará o leitor uma circumstanciada descripção da solemnidade da entrega da *Rosa de Ouro* que teve logar na Real Capella das Necessidades, o que nos forra a descrevel-a n'este logar.

---

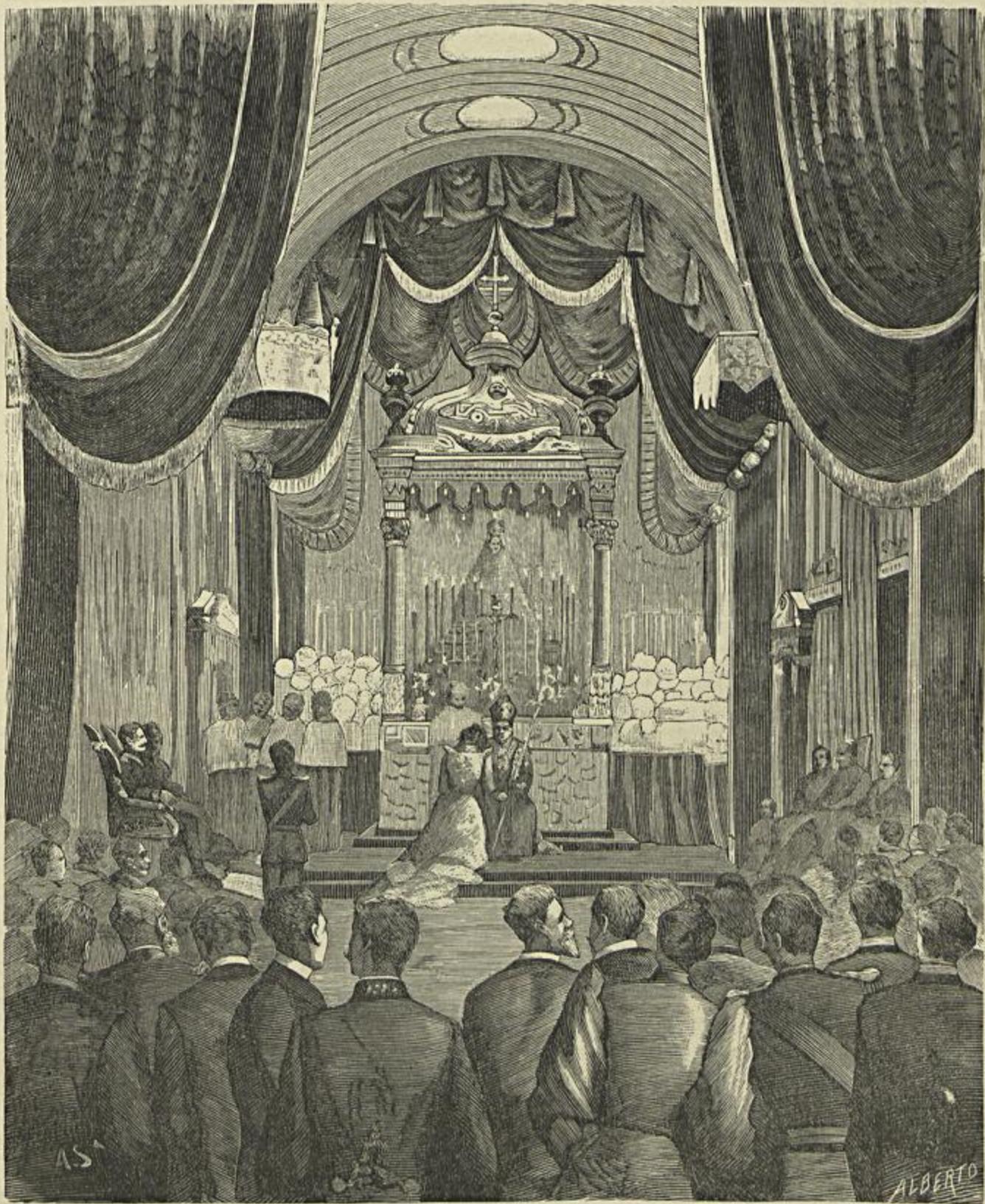
[1] Aliaz successora de seu irmão Eduardo VI, filho primogenito de Henrique VIII.

(NOTA DO TRADUCTOR)

A SOLEMNIDADE DA ROSA DE OURO

A ROSA DE OURO OFFERECIDA POR SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII A SUA MAGESTADE A RAINHA D. MARIA AMELIA

MONSENHOR IACOBINI, NUNCIO DE SUA SANTIDADE EM LISBOA
Encarregado de entregar a Rosa de Ouro

O MARQUEZ DE SACCHETTI
Enviado de Sua Santidade e portador da Rosa de Ouro

A SOLEMNIDADE DA ROSA DE OURO

ENTREGA DA ROSA DE OURO POR MONSENHOR IACOBINI A SUA MAGESTADE A RAINHA D. MARIA AMELIA,
NA REAL CAPELLA DAS NECESSIDADES — 4 DE JULHO DE 1892

(Desenho de A. Silva)

EMILIO ACHILLES MONTEVERDE

E' um benemerito!

Quem haverá na capital, que não tenha ouvido attribuir-lhe uma acção generosa? que não respeite e admire a rigida tempera do seu caracter, alliada á candura e sensibilidade do seu coração?

Repetidas vezes a imprensa periodica se tem referido, com os mais justos e merecidos encomios, aos eminentes dotes que o distinguem, e tornam crédor da sympathia e consideração publicas. As columnas de quasi todos os jornaes do paiz registram os valorosos feitos de Emilio Monteverde.

Não nos consentiu, todavia, a dedicada e sincera amisade que lhe consagramos, o deixarmos de consignar, no OCCIDENTE, repositorio menos ephemero do que os jornaes diarios, os traços mais salientes da sua vida brilhantissima.

Poucas vezes nos afoitamos a mover a penna, para traçar em publico as impressões do nosso animo, e, se levantamos hoje o véu que encobre a nossa modesta individualidade, é simplesmente para satisfazer uma desinteressada aspiração da nossa consciencia, recordando as virtudes civicas de um leal amigo, ao leitor, que arvoro em meu confidente.

Na singelleza da minha despretenciosa narrativa, cuidarei mais de apurar a verdade dos factos, do que de aprimorar a linguagem; pois que, ficaria sempre superior a qualquer artificio a eloquencia d'elles.

Em 1857 foi Emilio Monteverde condecorado com o habito de Santo Estanislau da Russia, pelos relevantes serviços prestados a grande numero de officiaes e marinheiros d'aquella nação, gravemente feridos em um incendio, no qual o agraciado arriscou a vida, e que, na noite de 29 de junho do mesmo anno, se manifestára em um predio da rua dos retrozeiros, fronteiro á sachristia da egreja da Conceição Nova e ao edificio da Boa Hora.

Pouco depois, a Camara Municipal de Lisboa conferiu-lhe a medalha especial da *febre amarella*, pelos arriscados, perseverantes e humanitarios serviços, que prestou, acudindo e valendo a muitas pessoas, atacadas d'aquelle terrivel flagello, que, em 1857, devastou a população da capital a ponto de atemorisar os mais animosos.

No dia 17 de setembro de 1860, estando gravemente enfermo, na sua casa do Dafundo, ouviu dizer que se virava, ali perto, uma fragata no Tejo. Saltou da cama, vestiu-se ligeiro, correu a embarcar no seu bote com alguns homens, e, á força de remar, dirigiu-se ao local do sinistro, onde conseguiu com insano trabalho, por se haver transformado o rio em mar embravecido, salvar os pobres tripulantes.

Agarravam-se estes, no ultimo desespero, á borda da fragata, e um estava mergulhado debaixo do castello da prôa, onde Emilio Monteverde o foi buscar encontrando-o quasi inanime!

Com este ousado e temerario commettimento tomaram-se naturalmente de vivo enthusiasmo as centenares de pessoas, que de terra seguiam anciosas, com a vista, o pequeno bote salvador. E quando Emilio Monteverde desembarcou, promperam na praia, impetuosos e unisonos, os applausos da multidão.

Por haver livrado da morte um tripulante da escuna nurlandesa *Hurika* naufragada no dia 20 de novembro de 1861, em frente do arsenal do exercito, foi condecorado pelo governo hollandez com a medalha de prata, especial para premiar taes serviços.

Na noite de 26 d'aquelle mez e anno, um violento incendio reduziu quasi inteiramente a cinzas a galera americana *Corinthian*, que se achava fundeada em frente da Junqueira. Emilio Monteverde, com grave risco da vida e auxiliado por um marinheiro do vapor de guerra *Mindello*, por um calafate do estaleiro do sr. Cleiff, e por um remador da alfandega, unico que, entre alguns milhares de pessoas, se atreveu a tomar parte n'esta arrojada empreza, poude arrancar do meio das chamas um marinheiro quasi asphyxiado!

Por este e outros serviços importantes, prestados n'essa noite, foi Monteverde elogiado pelo inspector do arsenal de marinha, Francisco Antonio Cardoso, que deu ao director da alfandega conhecimento official «da maneira digna com que se distinguiu n'aquella fatal occorrencia o empregado Emilio Achilles Monteverde Junior, na applicação dos meios que se entendeu pôr em pratica, por isso que se tornou digno do maior elogio.» E em attenção a estes e outros actos de incontestavel valôr foi agraciado com a medalha de prata, creada pela rainha a sr.ª D. Maria II, para premiar o merito, phylantropia e generosidade, tendo o respectivo diploma a data de 21 de fevereiro de 1862.

Na noite de 12 de maio de 1863, ateou-se um pavoroso incendio nos armazens da viuva Carruthers e de Braga & C.ª, na rua dos Capellistas, estando em emminente risco todos os inquilinos do predio, e entre estes o festejado actor Simões. Tantos e tão assignalados foram os temerarios esforços de Emilio Monteverde, por essa occasião, que de um documento da auctoridade administrativa consta, que «o seu procedimento fôra nobre, assim como a sua abnegação e coragem sem limites.»

Em outro incendio violentissimo, que distruiu os Paços do Conselho, o ministerio do Reino, o Banco de Portugal, e varios predios, e em que muitas pessoas perderam a vida, dirigiu o pessoal das machinas de extincção de incendios da alfandega Grande, nas condicções mais arriscadas; em virtude do que, se diz em um documento passado espontaneamente pelo vereador do pelouro dos incendios, que á desmedida coragem, dedicação e actividade de Emilio Monteverde se deve não ter o fogo penetrado na casa fórte do Banco de Portugal, porque não consentiu que a bomba grande da alfandega, unica que ao tempo havia em Lisboa, e de tanta força como as actuaes a vapôr, fosse retirada d'aquelle local durante algumas horas, devendo-se a esta acertada providencia não rebentarem as abobadas da casa fórte com o enorme brazido que tinham em cima, o qual habilmente foi extincto pela prodigiosa quantidade de agua lançada por aquella poderosa e excellente machina.

O sr. Eduardo Augusto Pedroso salvou Monteverde duas vezes da morte em um incendio, que na noite de 17 de novembro de 1864, houve em Algés, expondo a vida com tanto denodo, que recebeu algumas contusões e ferimentos, os quaes o obrigaram a recolher á cama.

Na madrugada do dia 11 de agosto de 1868, em que os armazens da alfandega no Jardim do Tabaco, foram pasto das chammas, ia sendo victima da sua dedicação, porque, estando a trabalhar com uma agulheta, no terraço dos armazens, deu-se de subito a explosão de grande numero de cascos de aguardente, em um deposito fronteiro, chegando as chammas a envolvel-o. Monteverde não perdeu a serenidade do animo, e, para escapar á morte, saltou do terraço cuja altura era superior á dos mais altos primeiros andares, para a rua, e passados poucos minutos voltou a trabalhar no sitio mais arriscado.

Em 7 de junho de 1869, foi-lhe concedida a medalha de prata de Salvatori, como premio por varios serviços humanitarios.

Salvou tambem da morte o honrado Antonio dos Santos Ferreira, encarregado do material da extincção dos incendios da alfandega de Lisboa, o qual ia sendo victima de uma terrivel explosão de gaz, que se deu em um gabinete d'aquella casa fiscal, no dia 14 de outubro de 1870. D'entre a a multidão que logo correu ao local do sinistro, unicamente Emilio Monteverde se atreveu a entrar no gabinete, d'onde trouxe para fóra Santos Ferreira, completamente desfigurado, com o fato a arder, causando emfim verdadeiro horror.

A 9 de junho de 1871, foi Emilio Monteverde agraciado com o grau de cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor Lealdade e Merito «como testemunho d'apreço pelos valiosos serviços que tem prestado em varios sinistros, dando sobejas provas de grande coragem e abnegação.»

No memoravel incendio que em a noite de 20 de janeiro de 1871 devorou o predio da rua do Corpo Santo, fronteiro á Travessa do mesmo nome e ao Caes do Sodré, e no qual houve perda de vidas, de tal modo se distinguiu Emilio Monteverde, que o inspector geral dos incendios lhe teceu os mais levantados elogios, em seu relatorio, e chamou a attenção do director da alfandega, encarecendo lhe os serviços prestados pelo seu subordinado.

Na noite de 13 de junho de 1872, no incendio que reduziu a cinzas o predio da esquina da rua dos Capellistas para a rua da Prata, do lado oriental, salvou de morte imminente o illustre estadista Fontes Pereira de Mello e o barão de Mendonça, detendo os e affastando-os de subito, no momento preciso, em que uma mansarda desabava e se fazia em pedaços na rua.

No dia 16 de junho de 1875, conseguiu Emilio Monteverde, evitar a perda total do brigue inglez *Alexandre*, que, sendo impellido por um grande estoque de agua, e não obedecendo ao leme, foi encalhar entre os rochedos de Banatica.

Tomou o nosso biographado a exclusiva direcção dos trabalhos de salvamento, e, á uma hora da noite, no fim de nove horas de violenta faina, era aquelle navio rebocado para o norte do Tejo, sem avaria, e sem haver a lastimar desastre algum pessoal, como consta do officio do fiscal do rio e ancoradouros, registado na secretaria da alfandega.

Passando em um carro americano, ás 7 horas da noite de 19 de fevereiro de 1881, proximo á Rocha do Conde d'Obidos, apeou se por ter ouvido toques de apito, e verificou terem sido feitos pelo guarda Mascarenhas, da alfandega de Lisboa.

Era o caso, que um pobre velho havia cahido do caes ao rio, e ficara com a cabeça e parte do corpo mergulhados na agua. Não havendo por onde descer, Emilio Monteverde saltou á agua, e trouxe para terra o infeliz quasi asphyxiado. Depois auxiliado pelo policia n.º 52 da 2.ª divisão, por um soldado da guarda municipal e por um outro homem, conseguiu, servindo-se de uma escada, transportar o velho para a rua, onde o metteu em uma maca, e d'ali o conduziram ao hospital.

Na noite de 8 de junho de 1881, com o auxilio de algumas pessoas, que se achavam no Lazareto, poude evitar a morte de dois fragateiros, a perda da fragata por elles tripulada, e a da carga pertencente á casa Netto & Vaz.

Este bom serviço mereceu-lhe, o ser louvado pelo ministro da fazenda, em documento registado na secretaria da alfandega.

Pelas 6 da tarde, do dia 28 d'agosto de 1882, viu Emilio Monteverde, do Lazareto, um bote impellido pela força da corrente, e cujos tripulantes pediam soccorro. Eram estes Jeronymo Lopes, veterano da armada e tres rapazitos.

Proximo ao Portinho foram soccorridos por tres catraeiros, e pelo cabo do mar, de Porto Brandão, os quaes iam perdendo a vida, porque o bote quasi cheio de agua, e não obedecendo ao leme, em poucos minutos estava encostado aos rochedos, onde o mar enfurecido rebentava com espantosa violencia.

Monteverde, que é justamente apreciado pelos peritos, como muito competente em assumptos maritimos, tendo partido do Lazareto ao leme de uma canôa muito veleira, acompanhado unicamente por dois tripulantes, passou o mais proximo possivel do bote, mandou atirar para lá um cabo, e sem perder o seguimento, deu-lhe reboque para o Porto-Brandão.

A' passagem, em frente do Lazareto, e ao chegar á doka, fizeram a Monteverde uma ruidosa ovação.

A imprensa periodica tambem registou este facto, como tendo sido mais uma prova inequivoca da coragem e dedicação de Monteverde.

Em a noite de 18 de fevereiro de 1884, trabalhou com a maior abnegação, e dirigiu o pessoal, de que poude dispôr no Lazareto, para serem salvos tres fragateiros, a respectiva fragata, e a carga, que se compunha de cem barricas de cimento para as obras d'aquella estação quarentenaria.

Por este serviço, que fez com grande perigo e á custa de muito trabalho, recebeu Monteverde dois honrosissimos officios de louvor e agradecimento; sendo um da direcção das obras publicas do districto de Lisboa, e o outro do chefe da secção das obras do Lazareto.

Em 26 d'agosto de 1880, cerca das 5 horas da tarde, manifestou-se em Cacilhas um enorme incendio, que, alimentado por uma rigissima nortada, ameaçavam destruir aquella povoação.

Compareceram logo grandes contingentes d'uma esquadra italiana, então surta no Tejo, dos navios portuguezes e americanos e da alfandega.

Não estando presentes a auctoridade administractiva, nem o pessoal de incendios, Emilio Monteverde tomou a grande responsabilidade de assumir a direcção dos trabalhos de extincção, e, feito o seu plano de ataque, tão acertadamente procedeu que, ao fim de uma hora de violentissima labotação, em que nacionaes e estrangeiros porfiavam em rasgos de heroismo e valentia, estava o fogo dominado, e livres de perigo muitos predios, que, ao principio, toda a gente julgava perdidos.

Tendo o deputado sr. Jayme Arthur da Costa Pinto presenciado o relevantissimo serviço que Monteverde prestára, dirigiu-se immediatamente ao ministro da fazenda, a quem communicou o occorrido.

E honrosissimo o documento, registado na alfandega, no qual o mesmo ministro manda louvar Monteverde por mais este feito glorioso.

No dia 14 de julho de 1891, pelas 5 horas da tarde, Eurico de Sousa Bastos, filho do sr. vice-consul da Suecia e Noruega, em Vianna do Castello, foi apanhado pela machina dos americanos a vapor, na rua 24 de julho, ficando em misero estado, com o braço esquerdo e quatro costellas fracturadas.

A presteza de Monteverde, que tirou a pobre creança debaixo das rodas, e a conduziu immediatamente ao hospital, deve elia a vida, pois poude ainda a tempo acudir se á hemorrhagia que logo se manifestou e augmentava consideravelmente.

Para Eurico de Sousa Bastos e sua familia, Emilio Monteverde é um nome abençoado.

Eis, caro leitor, uma grande lista de notabilissimos feitos, um dos quaes por si só, bastaria para glorificar o nome de Emilio Monteverde, para aquilatar as virtudes perigrinas do seu coração compassivo.

Emilio Monteverde, que tem malbaratado a vida, sem o impellirem a isso os deveres de profissão, inventou o melhor e mais engenhoso salva-vidas de que ha memoria, e que mereceu o maior louvôr do conselho de trabalhos do arsenal da marinha, encarregado officialmente de proceder ás devidas experiencias.

Em outra experiencia a que assistiu o já fallecido patrão Joaquim Lopes, disse este muito enthusiasmado, na presença dos srs. Ramalho Ortigão, Seguier, Barros e Sá, capitão de fragata Albino Crespo e outros: «até que emfim sempre cheguei a ver o unico salva-vidas que merece este nome, e em que um homem se póde fiar».

Poz gratuitamente o seu maravilhoso invento á disposição do governo em 1885, para que o fabrico d'esses utilissimos apparelhos constituisse uma industria inteiramente livre; mas até hoje nunca mais soube do destino da sua nobre, valiosa e desinteressada offerta, e nem sequer lh'a agradeceram. Effectivamente, um paiz onde tanto abundam as invenções uteis, a que vem mais uma?

Em 1881, varios jornaes, e entre elles: o *Diario Illustrado*, o *Jornal da Noite*, o *Clamor d'Almada*, o *Correio da Europa* e o *Bombeiro Portuguez* do Porto, publicaram alguns dos principaes factos conhecidos até essa data, da biographia de Emilio Achilles Monteverde Junior, e que mal tecem o caracter e qualidades d'esse homem prestantissimo e demasiadamente modesto.

A' ultima das referidas folhas pedimos venia, para transcrever o seguinte:

«*O Bombeiro Portuguez* colloca hoje na galeria de benemeritos o retrato de Emilio Achilles Monteverde Junior, e curva-se respeitosamente, deante da bravura e da abnegação que distinguem este prestimosissimo individuo. Para nós, que não raro somos accusados de indolentes, amigos do *dolce far niente*, incapazes de praticar uma acção generosa ou um feito alevantado, é emmensamente grato apresentarmos á consideração e á veneração publica, estes rigidos caracteres, estas robustas organisações, fadadas para as luctas mais porfiadas e para os rasgos de maior dedicação; temos um vivissimo contentamento em apontarmos ao respeito geral, estes homens singulares, que fazem da sua existencia um apostulado de caridade e amôr.

«São tantos e tão assignalados os serviços que a humanidade deve a este cidadão prestantissimo, que não nos arriscaremos á sensura de exagerados dizendo, que poucos como elles terão direito á gratidão publica.

«E para que se veja o fundamento da nossa asseveração, passamos a ennumerar os principaes feitos.»

Faz a descripção e termina:

«São estes os factos que enobrecem e glorificam Emilio Monteverde. Diante d'essa lista de feitos nobilissimos, digam todos se aquella alma não é de um gigante e aquelle coração o coração d'um Semi-Deus.

«As medalhas que brilham no peito da sua farda, ganhou-as elle n'estes rudes combates do homem contra a natureza; não as mereceu pelo prestigio do nascimento alcançou-as defendendo a vida de seus irmãos.»

Emilio Monteverde que é empregado superior das alfandegas, tem tido uma carreira trabalhoza mas pouco feliz.

E' devido isso, certamente, ao seu feitio, de antes quebrar que torcer, o qual lhe não permitte uma grande flexibilidade da espinha dorsal, predicado aliás muito precizo para se chegar rapidamente ás cumiadas da borocracia.

O seu rijo caracter, temperado no fogo da lucta, não se amoldava ás transigencias.

A mascara de Tartufo nunca se afivelou no seu rosto.

Chefe de familia exemplar os seus constantes cuidados, são o bem estar da sua virtuosa espoza e filhos queridos, entes que lhe infloram a existencia.

O que, porem, exalta e destingue mais o meu honrado amigo Monteverde, é a formosura do seu caracter impolluto e a pureza da sua alma immaculada.

Nunca, nem mesmo nas mutuas expansões da nossa intimidade, lhe ouvi pronunciar uma palavra, sequer, que podesse milindrar, nem de leve, a reputação de pessoa alguma.

De expansivo e alegre que foi ainda no meio dos maiores perigos a que se expunha, é hoje concentrado e por vezes taciturno.

O seu bello espirito fecha se em si mesmo, como se fecham as flores que nos annunciam o cair da tarde.

Ultimamente organisou-se o *Club Naval de Lisboa* com duzentos e quarenta socios, em cujo numero se encontram muitos dos mais distinctos amadores do *sport* nautico.

Emilio Monteverde, foi eleito por unanimidade, vice-comodoro e vice presidente da assembleia geral, bem como membro do conselho technico; o que representa uma distincção muito honroza.

Com mais esta altissima prova de consideração que deixo consignada, termino dizendo, que Emilio Monteverde vê o que poucos homens illustres tem visto, em Portugal, isto é, que a sua presonalidade athletica, entrou na historia dos feitos heroicos, antes de descer ao tumulo.

Lisboa 1 de julho de 1892.

J. Leite Jardim.

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

IV

(Continuado do n.º antecedente)

Os hespanhoes não gostam de ver bons principios aos filhos, e nós quasi que estamos inclinados a dar-lhes razão.

A nossa entrada em Portalegre não foi auspiciosa, e não obstante passamos ali tres dias deliciosos, encantadores, que nunca mais se nos apagarão da memoria.

Entrámos com um desastre.

O carro depois de passar um arco e de atravessar o adro da Sé, metteu por uma rua estreita e ingrime, e ahi um dos machos esbarrou e ficou entalado contra a parede.

Tinhamos feito toda a tenção de entrar em Portalegre com o pé direito, mas na atrapalhação com que saltamos do carro ao vêr o macho torto não podemos reparar se saltavamos com o pé direito se com o esquerdo.

O que quizemos foi acharmo-nos fóra do carro o mais depressa possivel e depois fomos a pé para o Hotel onde o sr. Rosa tinha tido a amabilidade e a previdencia de nos marcar aposentos.

E eram bem sympathicos esses aposentos. Dois quartos grandes no segundo andar, mobilados sem luxo mas com um asseio irreprehensivel.

Apenas chegamos, o dono do hotel, o sr. Domingos Trindade e sua esposa vieram receber-nos e installar-nos com uma amabilidade e uma boa vontade obsequiosa, que nem sempre se encontra nos melhores hoteis das grandes cidades, o que immediatamente nos captivou.

Tratamos de nos lavar, de nos limpar do pó, e depois emquanto as minhas pequenas tomavam o chá para se metterem na cama, eu sahi a ver alguma cousa da cidade, dando-me a curiosidade de ver uma terra nova, forças para resistir á tentação de imitar as pequenas indo para a cama tambem.

Sahi e a primeira parte onde fui, naturalmente, foi ao palacio da exposição, que no dia immediato se devia inaugurar.

Apenas entrei nas salas onde se trabalhava com uma grande asafama, fiquei logo surprehendido, não pela importancia da exposição, importancia que não podia calcular n'um relancear de olhos, mas pela elegancia e bom gosto com que estavam dispostos todos os objectos.

Ahi, José Maria da Rosa, o iniciador da exposição, que á força de vontade, de intelligencia, de trabalho, conseguira sem auxilio algum dos poderes publicos, com a ajuda apenas de alguns amigos, e contra a vontade de muitos e no meio da indifferença da grande maioria, conseguira levar a cabo o seu intento, apresentou-nos a alguns dos seus companheiros de trabalho, ao sr. Prat, o illustre professor das Escolas Industriaes, que é um artista distinctissimo a quem por mais d'uma vez teremos o prazer de nos referir, ao sr. capitão Luz, um rapaz intelligentissimo, d'uma grande activtdade, d'um finissimo espirito critico, director da Escola regimental de infanteria 22, escola que elle tem engrandecido muito com o seu trabalho dedicado e intelligente, e que possue hoje uma bella bibliotheca, riquissima e esplendidamente organisada, que faz honra ao zelo e dedicação do capitão Luz e ao mesmo tempo á sua solida illustração e alta capacidade; ao sr. Tello Mesia um cavalheiro amabilissimo, e jornalista distincto, que emprega as horas de descanço que lhe deixa o tribunal, onde é empregado, em redigir o *Districto de Portalegre*; ao sr. João Morato, professor d'ensino complementar, redactor do *Commercio do Alemtejo*, um bello espirito, um excellente cavaqueador, e um alegre companheiro, e a muitos outros cavalheiros cujos nomes nos não occorrem agora todos, mas cujas amabilidades que nos dispensaram nunca poderemos esquecer.

Passada a primeira vista de olhos pela exposição, o sr. José Maria da Rosa perguntou-me se queria ir ao theatro onde se estava ensaiando o *Commissario de Policia*.

É claro que disse logo que sim, e d'ali a cousa de dez minutos entravamos no palco do theatro Portalegrense, um theatro pequeno, mas bonito, elegante, fazendo lembrar um pouco o nosso Gymnasio.

Eu não queria interromper o ensaio e antes desejava poder ir para a plateia assistir a elle sem que os distinctos amadores soubessem da minha presença ali

Não poude ser assim, porém, e d'ahi o ensaio ficar um bom bocado interrompido para eu fazer conhecimento com os distinctos amadores dramaticos de Portalegre, que se tinham encarregado de representar o *Commissario* e d'ahi o ensaio quando continuou estar muito desafinado, muito fóra do seu lugar.

Elles estavam muito admirados e muito apoquentados pela maneira hesitante e descosida como representavam o segundo acto.

— E' extraordinario! Este acto tem corrido excellentemente nos outros ensaios... ainda hoje pela manhã... e agora não sabemos porque correu assim.

A explicação era facil. Mesmo nos theatros publicos, quando um auctor vae assistir pela primeira vez ao ensaio d'uma peça sua, embora esse auctor tenha tido já muitas mais peças n'esse theatro, tenha a maior intimidade com os artistas ha um certo balanço: e se isto é assim, que balanço não devia haver n'um ensaio de curiosos com a presença d'um auctor que pela primeira vez viam, que era para todos um estranho!

Elles estavam muito desconsolados, diziam que eu havia de fazer muito má ideia do desempenho por aquillo que tinha visto; affiancei-lhes que não, que sabia dar o desconto e tanto que apostava que pelo menos n'esse acto um dos curiosos que eu vira havia de ter um successo, o que fazia o papel de Conselheiro.

No meio do ensaio appareceram-me na platea dois queridos amigos de Lisboa, o Conselheiro Perestrello Côrte Real, illustre governador civil do districto e o Visconde do Ruguengo, que eu ha muitos mezes não via e que não sabia que estava em Portalegre.

Cavaqueamos muito e quando o ensaio acabou elles dois fizeram o favor de me acompanhar ao Hotel, de que eu não sabia o caminho.

Era perto de uma hora da noite. Tomei chá, com as bolachas d'agua e sal do João de Brito, que eu uso sempre em Lisboa e que por acaso foi ali encontrar no Hotel do Dominguinhos e deitei-me, depois de ter traçado em torno do lençol com os pós *Keating* um circulo magico, como o que Mephistopheles traça com a sua espada nas occasiões solemnes.

Por amor das duvidas, eu, desde que ha annos em Santarem tive que ficar uma noite toda assentado á janella por causa dos hospedes que antes de mim se tinham apossado da cama nunca mais viajei sem a companhia muito apreciavel de duas caixas de pós *Keating*.

Em honra do hotel de Portalegre devo confessar porem que perdi absolutamente os meus pós, que elles não eram de forma alguma necessarios, porque as camas eram d'um aceio exemplar, e que na segunda noite já lá dormi sem circulo magico.

Deitei-me, mas aconteceram-me os percalços que ordinariamente me acostumam acontecer quando durmo em camas de ferro e em camas de hotel.

Adormeci logo porque tinha somno, mas lá pela noite velha accordei com os pés sahidos fora da cama, e com o lençol todo enrolado no pescoço como um *cachenez*.

Levantei-me, preguei a cama tornei me a deitar e então consegui dormir regaladamente até que me accordou o toque d'um sino novo para mim — era o sino da Sé a tocar para a missa das almas, mesmo em cima dos meus ouvidos.

Apezar d'isso deixei-o ir tocando e só me levantei quando me achei bem dormido.

O relogio da Sé dava 10 horas. A abertura da Exposição era ás 11.
Não tinha tempo a perder.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

ECHOS DE TODA A PARTE

Vão desapparecer as ruinas do castello de Saint Cloud tão celebre pelas suas tradicções historicas.
Na sua origem o castello era apenas uma simples casa de campo, mas foi n'essa casa que Henrique III morreu assassinado por Santiago Clement.
O duque d'Orleans, irmão de Luiz XIV transformou-a em palacio e foi ali que se deu o golpe de Estado do 18 brumario.
Napoleão 1.º e depois Luiz XVIII, Carlos X e Luiz Filippe converteram Saint Cloud em residencia de verão e finalmente foi de Saint Cloud que em julho de 1870 Napoleão partiu para Sédan.
As ruinas de Saint Cloud vão emfim ser demolidas e os seus materiaes serão vendidos em hasta publica na alcaidia de Saint Cloud no dia 25 do corrente.
Sic transit gloria mundi.

*
* *

Na proxima exposição universal de Chicago atrahirá por certo a attenção dos visitantes um curiosissimo mappa, em relevo, dos Estados Unidos.
O fundo do mappa será feito na sua maior parte de pequenos pepinos; pimentos encarnados representarão as grandes cidades, grãos de pimenta as mais pequenas, os bosques serão representados por couve-flor, as grandes montanhas por aboboras. Este mappa avaliado em nove contos de reis, será guardado n'uma caixa de vidro hermeticamente fechada o que permittirá, depois de encerrada a exposição, mandal-o em bocados para differentes cidades onde será engulido.
Os membros da commissão do Equador tencionam mandar á exposição um fac-simile do famoso palacio dos Incas, cujas ruinas se encontram nas proximidades de Quito.
O governo francez concedeu auctorisação para serem modelados os riquissimos thesouros artisticos do museu do Trocadero. Os directores da exposição tomam a seu cargo todas as despezas d'esta obra, as quaes não serão inferiores a vinte e dois contos de reis. Esta collecção ficará em Chicago, no museu projectado, onde contribuirá por certo para a instrucção dos artistas americanos.
Os inglezes tencionam mandar um mappa em que serão consignadas todas as descobertas que fizeram na America do Norte. A lista dos navegadores inglezes é realmente numerosa: Sebastião Cabot, Raleigh, Sir Humphrey Gilbert, Sir Hugh Willonghby, Frobishar, Davis, Hudson, Baffin, Scoresby, Cook, Rosse, Parry, Franklin, Collin-on, Mac Clintock, Madure, Nares, Markham, etc. Realmente não lhes faltam materiaes para a confecção do mappa.
E para terminar: o senador Mr. Stanford pediu licença para installar na exposição de Chicago uma fonte, em forma de cepa, que durante duas horas por dia, deitará vinho em vez de agua. Até aqui não parece haver grande originalidade, mas ha, e enorme.
O vinho será de graça!

Phonographo.

REVISTA POLITICA

O que a politica forneceu n'estes ultimos dias, de mais sensação e effeito, foi o decreto da amnistia dos crimes politicos, que o poder moderador teve por bem conceder por occasião da solemnidade da *Rosa de Ouro*, enviada pelo Papa á rainha Senhora D. Maria Amelia.
Quando a *Rosa de Ouro* não tivesse outra significação ou utilidade bastaria aquelle facto para abençoar a vinda d'esta *Rosa* preciosa, que veiu dar causa ao indulto dos implicados em delictos politicos, principiando pelos condemnados por abusos de liberdade de imprensa e acabando n'uns tantos soldados, corneteiros, tambores e paisanos condemnados como implicados na revolta de 31 de janeiro de 1891.
Depois da rejeição do convenio é este o segundo acto do governo que tem merecido a approvação geral, apezar de algumas excepções na imprensa diaria, que tem questionado sobre a forma por que o decreto de amnistia appareceu, o que emfim se póde deitar á conta da pouca vontade com que alguns jornaes apoiam o governo, não fallando nas folhas republicanas, para quem a monarchia é aquella fabula do velho, o burro e o rapaz.
Dissemos que o decreto de amnistia é o segundo acto do governo que tem merecido o geral

EMILIO ACHILLES MONTEVERDE

(Segundo uma photographia de Fritz)

applauso e parece-nos que não erramos, sob o ponto de vista da sua importancia moral. Entretanto as circumstancias excepcionaes em que se encontra o paiz, exigem instantemente muitas outras medidas governativas que merecessem tambem o geral applauso, pela sua opportunidade e alcance.
Infelizmente, porem, não tem sido assim, e dando o balanço do que se tem feito para o paiz sahir da situação em que os acontecimentos dos ultimos tres annos o collocaram, esse balanço accusa um grande defficit de bom senso, de energia, e de civismo na administração publica, defficit tanto ou mais prejudicial que o de dinheiro entre a despeza e a receita do Estado.
Aquelle é o peior de todos os defficits, porque é a causa principal senão unica do segundo, e nada se modificará na desgraçada situação em que o paiz está, sem que o bom senso e patriotismo se imponham contra as loucuras e o desprezo dos interesses da patria, que levaram Portugal a esta mesma situação.
Em verdade custa a crêr que, decorridos quasi tres annos depois do celebre *ultimatum* de 11 de janeiro, que veiu desvendar o estado a que tinha levado o paiz o governo de tantos sabios e de tantos talentos, esses sabios e esses talentos, não encontrassem meio de remediar tanto mal que fizeram a esta pobre patria.

O orçamento do Estado luctava com um defficit permanente e crescente, e esse orçamento continua a não ser discutido nas camaras contra o que manda a lei, e continua a luctar com um defficit cada vez maior!
O paiz estava desarmado, quasi sem defeza, apesar dos cinco mil contos que figuram no orçamento para o exercito, e continua no mesmo estado senão peior.
O que acontece com o exercito de terra acontece com a marinha de guerra, apezar de sermos uma potencia colonial, e tudo continua na mesma sem mais uma lancha sequer e menos os navios que se vão arruinando.
Era mau o estado economico do paiz pela deficiencia da sua industria e do seu commercio, e para melhorar este estado, decretam-se monopolios que mal accodem as necessidades do thesouro e agravam o mesmo estado economico do paiz.
As circumstancias financeiras do thesouro eram más e vem um governo que por paixão politica ou por toleima toca a campainha de alarme com que fez saber a todo o mundo que estavamos em vespera de uma banca rota. Como não bastasse este primeiro rebate, vem um ministro da fazenda, que por incapacidade e mal avisado dá outro bote tremendo no credito nacional com o celebre decreto das notas, até que um terceiro ministro da fazenda comprometteu o resto com as suas trapalhices de prestidigitador de feira.
O paiz estava arruinado pelo abuso que fez dos emprestimos, e o ultimo salvador que appareceu das finanças publicas, queria contrahir um novo emprestimo, mais ruinoso que qualquer dos precedentes, para salvar o paiz!
Este rapido balanço dispensa mais commentarios, e diz eloquentemente se temos ou não razão em lhe achar um grande defficit de bom senso, de energia e de civismo.
Não desesperemos, porem, porque emfim, sempre se vae fazer alguma coisa a bem d'esta patria amiga: vão fazer-se eleições geraes para deputados, e é isso que está preoccupando os politicos e elevando a temperatura ainda mais que o Phœbos que n'estes ultimos dias tem estendido os seus raios sobre as nossas cabeças com uma intimidade que desejariamos mais cerimoniosa.
Não sabemos se o governo tambem arde no mesmo fogo sagrado, mas parece-nos um tanto friu, em presença das intrigas eleitoraes que o rodeiam.
Em verdade, depois de pensarmos bem sobre o balanço que acima exposemos, fica-se por força com uma vontade dos diabos de dar o voto a todos esses sabios e talentosos que tão boas provas tem dado da sua capacidade.
E' que estamos em terra de cegos e portanto o leitor sabe o resto.
Até se diz á ultima hora que o sr. Conde de Burnay vae propor-se deputado por Lisboa.
Não nos parece mau como ensaio para uma administração extrangeira. Os portuguezes votam n'elle e os extrangeiros votarão em outros para mandarem para cá.
Assim sempre é mais suave e salva-se melhor a dignidade, d'aquella que agora se usa.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43